

# 1.º PRÉMIO

**Alexandre Sousa**

**Título:**

“Amor em tempo de guerra não se limpam armas”

**Texto:**

“Amor em tempo de guerra não se limpam armas”

“No mercado da ribeira  
Há um romance de amor  
Entre a rita que é peixeira  
E o chico que é pescador”

O Chico é pensador, mais pensador do que a Rita. Passa-me pela cabeça que o Chico tem essa propensão para pensar acerca das coisas com que tropeça no seu dia-a-dia, por força das noitadas na traineira.

Esta manhã, fui tomar o pequeno-almoço no Porto de Pesca de Viana. A minha padaria chama-se “Vianesa”. Filipe viu-me entrar e fez as perguntas da praxe: - Como é que está, meu amigo? Parece que apanhou molha...

- Nem fazes ideia! Fiquei como um pito, desde as pontas do cabelo até às unhas dos pés.

Respondi.

- Não me diga que foi passear ao campo? Ver os gamos, as perdizes, os cabritos. Continuou Filipe.

- Faltam-me as botas de água. Com esta chuva molha-tolos, é preciso o marinheiro aviar-se em terra. Dei-lhe troco. Peguei no pão com manteiga, paguei e disse até logo ao Filipe.

Dei por mim com o olhar fixo no barco que se preparava para atracar. Os tripulantes concentrados – a cada um a sua tarefa – começavam por trocar em miúdos o que havia de ser preparado para descarregar o peixe. O preço da venda do pescado vai depender da sua qualidade, da oferta e da procura. A vida de pescador é dura, mas um dia de pesca boa, traz muita felicidade à companhia do barco. As gaivotas perto do barco, em busca de alimento fresco dos mares, anunciavam que a pesca da embarcação tinha sido boa.

Longe vão os tempos em que este porto de pesca chegava a receber dezenas de traineiras por dia. Eram embarcações da Póvoa de Varzim e Matosinhos, carregadas de sardinha. Era o tempo do bordão. Dois pescadores transportavam ao ombro o bordão com 3 ou mais cabazes de sardinha pescada no dia, para a lota do peixe, onde era vendida.

Nos anos do último terço do século passado, este era um porto de pesca de grande movimento agora, tem "meia dúzia" de embarcações e pequenas.

O negócio do mar já não é a mesma coisa.

Conversava-se no cais em pequenos grupos. A malta não tinha a máscara profilática afixada no rosto. Nuns casos, a máscara pendia de uma orelha, noutros casos estava ‘embrulhada’ à moda das pulseiras em volta do pulso... mas a maioria dos homens não tinha a máscara “em posição”. A maioria dos pescadores que cirandavam no cais estava mais ou menos envolvida na manutenção das redes de pesca.

- Tu sabes que temos mais de 80 pescadores impedidos de ir ao mar, por causa das infeções que andam por aí nos barcos?

Dizia um desses pescadores meio sentado, meio de cócoras, enervado com outros camaradas que contradiziam os seus alarmes.

- Ó Ti Manel Vareiro... a traineira Mariana ficou ontem aqui parada no Cais. Já não foi p'rá faina. O contramestre testou positivo. E agora as famílias também tem de ir ao teste... Acrescentou outro pescador, atarefado a tentar arrumar os apetrechos marítimos. Assim a modos que com pezinhos de lã, foram-se chegando outros camaradas. O tema era absolutamente transversal. Interessava a todos. Um deles, homem encorpado e que impunha respeito, proclamou com voz pausada: - Isto vai passar. A traineira "Nossos Dias" teve oito casos. E vai regressar ao mar.... basta os infetados trazerem o papel a dizer que o teste deu negativo. As cabeças e os olhos não paravam de saltar deste para aquele. Percebia-se a agitação de quem não sabe o que há-de fazer. Regressei a casa, liguei a minha máquina das notícias e dei tempo ao tempo. Concentrei-me naquilo que o Jornal trazia nas páginas de dentro.

Dei por mim a pensar junto com os meus botões – grandes compinchas destes momentos: - Vão fechar os pobres dos pescadores infetados. Inexorável. Juntei-me à musica. "Va, pensiero", também conhecido como o "Coro dos Escravos Hebreus", é um coro do terceiro ato da ópera Nabucco (1842) de Giuseppe Verdi, com libreto de Temistocle Solera, inspirado no Salmo 137. Conhecido como a obra de arte "judia" de Verdi, o coro relembra a história dos exilados judeus na Babilônia, após a perda do Primeiro Templo em Jerusalém[1]. A ópera, com seu poderoso refrão, notabilizou Verdi como um dos maiores compositores italianos do século XIX.

O incipit completo diz "Va, pensiero, sull'ali dorate"...

Va', pensiero, sull'ali dorate  
Va', ti posa sui clivi, sui coll  
Ove olezzano tepide e molli  
L'aure dolci del suolo natal!  
Del giordano le rive saluta  
Di sionne le torri atterrate  
O mia patria, sì bella e perduta!  
O membranza sì cara e fatal!  
Arpa d'or dei fatidici vati  
Perché muta dal salice pendi?  
Le memorie del petto riaccendi  
Ci favella del tempo che fu!  
O simile di solima ai fati  
Traggi un suono di crudo lamento  
O t'ispiri il Signore un concerto  
Che ne infonda al patire virtù  
Che ne infonda al patire virtù  
Al patire virtù!

Esta música que é uma das músicas da minha vida, faz-me chorar. Ninguém me pergunte porquê.

Estou fechado em casa. Eu e o meu querido alter ego. Obviamente, tenho a chave de casa. Na minha solidão e solitário como só eu sei ser, posso sair sempre que me apetece. Nas ruas não se vê ninguém. Um ou outro automóvel, onze em cada dez com uma só pessoa lá dentro.

Chove, fraco, mas chove em modo contínuo.

Sei de uma máquina de café escondida num portal de coisas públicas, obras da Câmara Municipal, Conservatória Civil, porta das Finanças... coisas destas. Abre às 09:00h e cerra às 17:00h. É um portal com horário de funcionário público.

Regressei à releitura <>

Há vários livros cujo tema central é a “peste”.

Li Albert Camus e o seu romance “a peste” quando tinha entre 17 e 19 anos.

Aperfeiçoando a frase de cima, direi que li e reli as anotações feitas por Camus nos seus Carnets I e Carnets II e Carnets III, por esses tempos de jovem revoltado.

Às vezes... muitas vezes... regresso a esses tempos em que andei fins-de-semana nos comboios da CP (usando o bilhete quilométrico de boa-memória) e acampando nas florestas nacionais.

Também, fui leitor do “diário da peste de Londres”, escrito/publicado por Daniel Defoë (1722) em Londres e mais famoso pela criação de “Robinson Crusoe”.

Há uma pandemia, bastante citada que trata a “gripe espanhola de 1918”

“A Gripe Espanhola de 1918” é o título de uma publicação recente da Casa de Sarmento e que se encontra disponível online para consulta gratuita. O livro resulta de um encontro científico internacional, promovido pela Casa de Sarmento que se realizou em Guimarães.

Das jornadas, em que participaram trinta e cinco investigadores, congregando diversas perspetivas, desde a Demografia à História da Saúde, resultou esta publicação, que reúne dezasseis trabalhos que se repartem, fundamentalmente, por três áreas: perspetivas globais sobre a gripe e outras pandemias, estudos de carácter regional e impactos socioculturais da pandemia. Este conjunto de estudos é um importante contributo para conhecer melhor uma realidade que só há muito pouco tempo tem acolhido o interesse da comunidade científica e que tem óbvio paralelo com a grave situação epidemiológica que vivemos nos dias de hoje. Segundo o resumo da publicação, estão compilados no livro um “conjunto de estudos que são importante contributo para conhecer melhor uma realidade que só há muito pouco tempo tem acolhido o interesse da comunidade científica e que tem óbvio paralelo com a grave situação epidemiológica que vivemos nos dias de hoje”.

Espantosa a misteriosa sucessão de previsão de fenómenos futuros, com que nos defrontamos neste primeiro terço do século MMXX.

Sou um crente na “adivinhação do futuro”. Fui criado por duas avós, Camila e Laura, que me usavam – entre os meus seis e oito anos – como leitor das borbulhas criadas por grãos de trigo mergulhados em água fresca.

Os meus dotes de bruxaria estarão mais na senda de uma habilidade extrassensorial que permite percecionar condições, circunstâncias, sentimentos, entre outros, de outrem, sem recorrer aos órgãos dos sentidos. É isso...

Também, “Ensaio Sobre a Cegueira” (1995), um dos livros mais famosos do escritor José Saramago (1922-2010), prémio Nobel da Literatura de 1998, que nos traz um romance, que aborda uma epidemia incomum: a doença deixa as pessoas cegas de repente, sem sintomas ou aviso prévio, naquilo que chamamos “cegueira branca”. Como será que uma sociedade se pode, consegue, manter-se funcional quando vive sob um grande branco? O livro mostra como o governo trata com autoritarismo os seus cidadãos e como, em pouco tempo, toda a organização social entra em colapso, dando lugar a novas formas de leis e arranjos. O ponto alto da história é uma mulher que não fica cega, mas mesmo assim vai para a quarentena e não avisa ninguém acerca da sua condição. (Companhia das Letras/Divulgação).

Voltamos a encontrar as palavras-chave dos nossos dias:

epidemia; doença; autoritarismo; colapso; quarentena...

Vou lendo os diferentes artigos de “A Gripe Espanhola de 1918”, que percorrem algumas das nossas regiões, e parece-me claro que Portugal não tinha dispositivos de saúde que pudessem fazer face à epidemia, apesar dos esforços das entidades locais ou regionais e que mesmo a nível nacional foi difícil estruturar uma resposta. Por outro lado, há que ressaltar alguns dos esforços feitos pela sociedade civil, através de comissões de apoio às vítimas. Claras ficam as condições de vida da população em 1918, com Portugal, numa primeira fase ainda a braços com a Iª. Guerra e com a carestia por ela provocada, com um surto de tifo exantemático e ainda outro de varíola. Para além disso, a pobreza das populações, não só nas vilas e aldeias, mas também nas nossas maiores cidades – Lisboa e Porto – era uma realidade. Todos estes

factores foram potenciadores da grande crise de mortalidade provocada pela Pneumónica. Torna-se também muito interessante perceber o evoluir das notícias nos jornais. Estes relatos jornalísticos têm características diferentes, não só relativamente à informação prestada sobre o evoluir da epidemia, como também diferenças relativamente às linhas editoriais e políticas a que os mesmos pertenciam.

A partir do artigo sobre Badajoz, vale a pena referir o medo existente nessa província espanhola em relação aos portugueses que aí trabalhavam sazonalmente e cujo contacto os espanhóis não queriam. Em Portugal, a noção era a mesma em relação aos espanhóis. O medo do «outro», e as consequências para a vida social que induz, era forte nesse período, tal como nos dias de hoje.

Percebo isso – claramente – quando vamos abastecer no posto da REPSOL ali para os lados de Galegos (Marvão – Valencia de Alcántara).

O clássico “Diário da Peste de Londres” – Daniel Foe — o apelido só seria alterado pelo autor em 1695 para Defoë — (1660-1731), é considerado por muitos o primeiro romancista de língua inglesa. Foi comerciante, economista, jornalista e espião antes de escrever o seu primeiro romance, As Aventuras de Robinson Crusoe, aos sessenta anos.

Tendo testemunhado na infância a Peste e o Grande Incêndio de Londres, acabou por se transformar num apaixonado por viagens depois de conhecer profundamente países como a França, Espanha e os Países Baixos. Com uma vida extremamente aventureira, esteve encarcerado por dívidas e lutou durante um breve período de tempo na rebelião do duque de Monmouth. Poucos anos depois, começou a escrever panfletos político-satíricos que, de novo, o iriam conduzir à prisão. Por intervenção de um ministro Tory, acabaria por ser libertado e durante onze anos viria a ser agente secreto e jornalista político dos Tories. Deliciou-se durante toda a vida na representação de diversos papéis e disfarces, utilizando-os com grande efeito como espião, e escreveu mais de quinhentos livros, panfletos e artigos jornalísticos abrangendo tópicos como a política, crime, religião, geografia, matrimónio, psicologia e sobrenatural. Morreu na cidade de Londres em 1731, segundo se diz de «uma letargia».

E que é feito da Rita?

A Rita lançou-se noutra aventura. Olhou p’rá outra face da Lua. Com dois filhos grandes para criar, cada qual o mais precisado de ter Mãe...

Rita não sabe nada de “chicos”... nem os audazes, os que vão para a noite medonha passada no mar, nem os chamados e afamados “chicos espertos”.

Rita sabe de “peixe”. Tanto vem de Angeiras, da lota de Matosinhos ou dos barcos dos pescadores da Cantareira. Falamos, claro, do peixe fresco que chega à banca da Peixaria da Rita e que compõe a ementa do dia, sempre à mercê do que apanham as redes dos pescadores. O novo restaurante da cidade dedicado ao peixe abriu em maio, na zona da Foz Velha. Teve azar a Rita! Claro que teve.

Acorda a meio da noite... uma... duas vezes... sai da cama descalça à procura das cantigas que o “chico” lhe mandou. Terá mandado?

À banca cheia de gelo instalada à entrada só chega peixe fresco, apanhado no dia. A frescura do peixe vem com um problema: a carta fica à mercê dos caprichos da natureza. “Tanto podemos ter dez como apenas um linguado”. Porém, há sempre alternativas como o bacalhau assado ou arroz de tamboril. E porque grelhar peixe na brasa é uma ciência, Rita fez questão de contratar um assador veterano com mais de 30 anos de experiência. Ernesto... alguém que o “chico” conheceu ali p’rós lados da Amora. Sempre que o “chico” ia à Festa do Avante... telefonava ao Ernesto.

- Camarada!

- Não digas mais nada. Respondia o Ernesto... sabes que te conheço pelo tique?

- Ai de ti que me não conheças. Prosseguia o “chico”... descontraído, na estrada nacional entre o Porto e Lisboa.

- Camarada! Um bacalhau na brasa... daquele lado da cabeça... batatas a murro... com casca...salada mista e um branco que só vou dizer quando chegar aí.

Ernesto fez uma pausa.

- A que horas chegas amigo do peito?

- Ó pá... quero estar aí, na tua tasca por volta das vinte horas. Não vai ser fácil! Mas vou sobreviver nem que seja só para te dar um abraço. Avante!

“chico” desligou o telemóvel e concentrou-se no velho mercedes o célebre “carro do pai”.

#### INTERMEZZO

“chico”, romântico empedernido, mandou para o ‘gmail’ da Rita uma cantiga de qual ele gosta definitivamente: Sextos sentidos (Silence 4)

<

Dás-me o ouvido

De arrancar musicas ao are

Na tempestade

Madeira e vidro

Saberão como no quebrar

As chamas trinco

O sexto sentido

Saber tudo entrelaçar

E' por tudo o que em nos corre

Que se vive e que se morre

Meu sangue sinto

Que terra desce

E no teu corpo o sei lugar

Dentro do instinto

Tudo o que cresce

E' forma boa de se amar

E' por tudo o que em...>>

Rita, alvoroçada, por tudo e por nada, até porque se lembra pouco do pobre do “chico” respondeu-lhe desaustinada:

... Uns dias decides que sou o ser mais desprezível, noutros assim assim...

Devias decidir.

(Hoje tenho reuniões não sei bem em quantos sítios nem quantas são até às tantas, não vás achar que estou de férias.)

O peixe – mesmo que penses o contrário – não anda por aí na rua à minha espera.

Vá de folia!

Continuaremos...

“chico” chegou faz pouco tempo a Matosinhos. Entre Viana do Castelo e Matosinhos, autoestrada A28 o caminho é rápido, 40 minutos. A conversa é curta. Rita desanda de uma banca para a outra. Atende o telefone enquanto trabalha. E no tempo que há-de demorar a conversa, lá vende um cherne, peixe fino e bom, por 90 euros, na sua banca no mercado de Angeiras (Matosinhos).

O Coronavírus impôs algumas mudanças a quem vive da pesca e da comercialização do pescado, mas ela já percebeu que há alguma gente a comprar em maior quantidade, compensando a quebra no número de clientes.

- “Ninguém vai enriquecer nesta fase, mas não podemos parar tudo”. Alerta esta Mulher de 48 anos cujo marido, companheiro, namorado, amante, vai entrar em lay-off na traineira onde

trabalha e não quer imaginar sequer ter de parar, ela também.

“chico” não está para conversas. Percebe que a Rita não pensa em mais nada senão no trabalho dela - no real e na parte inventada.

Ainda que lhes apareça menos gente pela praia, a tentar comprar peixe acabado de chegar, o coronavírus não travou a pesca em Angeiras. Da frota dos 11 barquitos, pequenas embarcações tripuladas por dois ou três homens, só parte conseguia já manter-se ativa e essa está, nesta fase, mais dependente dos humores do mar e das flutuações do mercado do que do vírus, que ainda não deixou ninguém em terra. Mesmo que entre os pescadores se encontre gente enquadrável nos grupos com maior risco de o contrair e desenvolver sintomas mais graves da covid-19.

A bordo das traineiras, todos os cuidados acabam por ser apenas os possíveis. Quando não estão na faina, os homens entretêm-se, nas respetivas casas de mar, a consertar redes e outros aparelhos de pesca, quase sempre sós, ou em duo, como no mar. É o caso do Fonseca que, quase a fazer 66 anos continua a pescar com um sócio e amigo, da mesma idade. Cada um deles tem um barco, o “Liberdade” e o “Outra Lua”, mas, por falta de mão-de-obra, trabalham juntos, dividindo o ano, os rendimentos e os impostos por cada uma das embarcações. Assim acontece também na comunidade vizinha de Vila Chã, já em Vila do Conde, onde não há homens que cheguem para tripular os sete barcos varados na praia. Catarina, mulher do Fonseca, ajuda-os nas tarefas de terra, aos 64 anos, enquanto deita um olho à mãe, de 83 anos, que é, nestes tempos, a sua maior preocupação. O casal já está reformado, mas o valor da reforma de ambos não permite que parem, explica a mulher, lamentando que não o possam fazer apesar de uma vida dura, em que nem ao sábado e ao domingo se parava. “Mas pronto, pelo menos agora ele só lá vai ao mar duas ou três vezes por semana”, acrescenta, com algum alívio. Mesmo nesta fase? Pergunto eu.

- “Sim”, por agora, ou, como se diz, “p’ra maré, ainda não há muito medo”!

Vamos ver...

Na sua banca de Angeiras, Rita, que se abastece de pescado descarregado nos portos de Viana a Leixões, onde opera a frota da pesca artesanal, já sabe dos apelos, que chegam de todo o lado à paragem, e não concorda.

- Vamos continuar a precisar de peixe. Estar a ouvir Chico?

- Se o Governo der subsídios aos barcos para ficarem parados vai compensar quem lhes compra, quem transporta, os vendedores dos mercados e todos os que dependem disso?

Questiona a Rita, braços nas ancas como se estivesse em pé de guerra. Rita foi criada no Bairro das Caxinas, percebe a voz do vento, antevendo as dificuldades que as outras famílias ali instaladas vão passar, tendo em conta os problemas que, quem trabalha noutros sectores, já está a atravessar.

Rita, pára um instante como se, só agora, desse conta de que aquele homem encostado à banca era o seu “chico”.

- Já viste que nesta terça-feira, o dia, em termos de vendas, está a ser “péssimo”.

Rita pensava em voz alta... a pensar nos filhos, e na irmã, que é viúva e tem também filhos, e na Tininha que trabalha na casa de ambas as duas, também com o marido já em lay-off e gente em casa para alimentar. Recusa fechar a banca.

- Queres ouvir o “chico”? a contabilista ligou-me a explicar as medidas que foram anunciadas para quem tem o nome nas finanças... de modo que eu possa tomar uma decisão. Mas eu disse-lhe: - quero continuar.

“Se tiver de parar, vou fazer tudo para ser a última a fazê-lo”, ficas a saber.

Chico, deu ao espante, começava a ficar cansado de toda aquela treta sem parança.

As ondas da crise provocada pelo maldito novo coronavírus ainda só agora começaram a agitar-se na beira da praia, mas já há quem sinta na pele efeitos dramáticos.

Quem trabalha a recibos verdes fica de repente sem trabalho e todos aqueles operários da zona industrial são mandados para casa em lay-off, enquanto outros são empurrados para tirar

férias ou mesmo despedidos, numa crise que penaliza primeiro os mais precários.

A situação de Iracema é ainda mais bicuda. Empregada doméstica em casas de gente rica, ali prós lados da praia de Ofir, está como muitas das suas colegas de profissão: “Não tem contrato, não passa recibos, um dia tem trabalho e no outro fica descalça. “Foi o que lhe aconteceu este mês. “A maioria das casas deixei a semana passada, porque por ali só há idosos. Neste momento só estou indo a uma”; tinha ela contado ao “chico”.

– Percebe isto? Você está entendendo? “Se você não vai, você não recebe.”

Numa semana normal, Iracema passa as manhãs de segunda a quinta na casa de um patrão e à tarde vai a outras. Faz ainda limpezas numa academia desportiva que fechou. Ao fim do mês consegue levar para casa uns 630 euros – agora evaporados. O marido, que trabalha num restaurante em Deocriste, está de férias até meio da próxima semana por indicação do patrão e regressará no início de um mês que há-de chegar, para servir refeições em regime de ‘takeaway’.

- Está a ver isto? O amigo “chico” está a ver como é que é?

“A renda é cara, energia tem que pagar na mesma, está complicado”

...desabafa Iracema.

Qualquer amigo com quem o “chico” tropeça traz azar. Numa grande incógnita vive, por estes dias, o assistente de bordo Martins, que habitualmente trabalha nos bares dos comboios.

“Fomos dispensados do serviço no dia 19 por telefone”, diz, sublinhando que ainda está à espera de saber como será o seu futuro imediato.

O ordenado integral do mês de Fevereiro está garantido porque a folha salarial “fecha no dia 20”, mas se a empresa suspender os contratos (lay-off), como Martins está convencido de que acontecerá, o que vai receber em Março? Ou Abril?

“Temos estado constantemente a ligar para o sindicato”, e nada.

- Cada dia em que me levanto só tenho zeros embrulhados nos dedos dos pés!

A música... essa coisa inimaginável que salva (quase) sempre o meu dia-a-dia.

Quando tu não estás, está sempre a música. A única concorrente séria que tu tens.

Sempre mais ou menos vestida, seja tão morena ou menos branca tanto faz.

Amiga minha, não sei se terá sido coisa estranha, deusa tamanha, dá ideia que acertou com força e pontaria no meu desacerto.

Disse:

“ainda estás a tempo de começar de novo!”

- Não resisto! Ó Menina... isto nunca pode ser levado muito a sério. Nem sequer me passava pela mona que alguém sabia do que se passava. Estou chateado? Claro que sim. É o filho da mãe do confinamento... é aquela coisa danada que molha p'ra cima de uma mangueira.

Se eu fosse poeta... ah! se eu fosse poeta, diria como disse o outro (o famoso):

- Quando eu morrer quero ir de burro!

<< Quando eu morrer batam em latas,

Rompam aos saltos e aos pinotes,

Façam estalar no ar chicotes,

Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro

Ajaezado à andaluza...

A um morto nada se recusa,

Eu quero por força ir de burro.

Mário de Sá Carneiro>>

São 11:32h de sábado.

As ‘coisas’ não estão de feição para “chico” mais a Rita.

“chico” queixa-se de quê?

- Várias cenas! A Rita não me passa cartão... não quer saber se estou deitado ou estou em pé.  
É uma cena de ignorância que magoa...

“Continuei calado.”

- Dói-me as costas. Custa-me a levantar da cama...

Chico manifestamente, cheio de queixinhas.

Tentei exercer o meu ofício de “amigo dos outros” o melhor possível.

Comecei com paninhos de lã:

- Ó Chico, a COVID-19 afeta cada pessoa de formas diferentes. A maioria das pessoas infetadas desenvolve a doença com sintomas ligeiros a moderados e recupera sem necessidade de hospitalização.

Vamos ver os sintomas mais comuns:

- Febre, tosse seca, cansaço...

- Estás a ver? Cansaço... sinto-me cansado. Disse o Chico, nem sequer em modo acelerado.

“Mantive-me fiel na minha tarefa.”

- Sintomas menos comuns: tensão e dores musculares, dores de garganta, perda de paladar ou olfato...

- Dessas... dessas tenho dores nos músculos, isso tenho, sinto isso. Respondeu o Chico.

Achei que podia substituir a falta de cuidados da Rita.

- Queres ir ao Hospital fazer o teste? Acrescentei.

- Tu... podes ter saído da traineira como uma pessoa infetada... o vírus demora 5-6 dias a manifestar sintomas. No entanto, pode demorar até mais dias.

Proseguí no meu papel do “amigo cinzento”.

Mas nem sempre é fácil. Preciso atender uma chamada telefónica do JORGE. O telemóvel toca o sino insistentemente...

Estou a ouvir Gilbert Beaud “Nathalie”

A seguir... já tenho a KALINKA da minha juventude em lista de espera.

Coro do Exército Vermelho

[https://www.youtube.com/watch?v=jOhkN4w\\_9gM](https://www.youtube.com/watch?v=jOhkN4w_9gM)

Калинка, калинка, калинка моя!

В саду ягода малинка, малинка моя!

Калинка, калинка, калинка моя!

В саду ягода малинка, малинка моя!

Калинка, калинка, калинка моя!

В саду ягода малинка, малинка моя!

Mais logo, vou acompanhar o drama do “chico”... que não tem onde cair morto!

Estão 8° Celsius no espaço da minha cozinha da casa de Castelo de Vide.

Um trapézio esquisitíssimo de 4 x 5 metros onde consigo circular entre 5 móveis e uma antiga lareira. Vivo por ali uma espécie de alternativa de vida. Sem comentários.

Sou um pretensozinho razoável seguidor do processo de escrita do Daniel Defoë.

Portanto, tenho uma espécie de lista de tópicos a pesquisar, buscar, incluir, adaptar, recriar...ficcinar... porque não?

(1) Uma das músicas da minha vida: “Richard Strauss compôs Assim Falou Zaratustra em 1896”

(2) Há sempre alguma coisa positiva entre as 4 hipóteses (dimensões): ‘positivo’; ‘negativo’; ‘falso positivo’; ‘falso negativo’

(3) França: O abuso execrável do incesto

(4) As mulheres da Cova da Moura

(5) As cantigas da Márcia e do Samuel Úria – enquanto brilhou o Sol



(6) Os doentes de covid19 que iam/não, iam... não foram para a Galiza. Porque me sinto? Primeiro porque sou filho de boa gente... depois porque sou "gallego del sur"

(7) A cantiga do João Só... "Não sou eu" <>  
"Assim Falou Zaratustra"

Comecemos pela minha nunca esquecida Casa da Música – Jardim da Boavista – Porto. Richard Strauss compôs Assim Falou Zaratustra em 1896, na década seguinte à publicação do célebre livro de Nietzsche. Para servir de guia à audição da obra na sua estreia, em Novembro desse ano, em Frankfurt, Strauss distribuiu ao público o seguinte programa:

"Primeiro andamento: nascer do sol. O homem sente o poder de Deus. Andante religioso. Mas o homem anseia ainda. Entrega-se às paixões (segundo andamento) e não encontra a paz. Vira-se para a ciência, tentando em vão resolver os problemas da vida com uma fuga (terceiro andamento). Soam agradáveis melodias de dança e ele torna-se um indivíduo. A sua alma voa enquanto o mundo, abaixo dele, se afunda."

Não é exatamente este texto, contudo, que se encontra na partitura publicada. O que aí aparece é um fragmento do texto original de Nietzsche, retirado logo do início do prólogo, em que Zaratustra se dirige ao Sol. Aí se inclui a seguinte passagem:

"Ó grande astro! Que seria da tua felicidade se não tivesses aqueles que iluminas! Ao longo de dez anos vieste até à minha caverna: sem mim, sem a minha águia e sem a minha serpente sentir-te-ias triste e cansado da tua luz e deste caminho."

Encontramos também na partitura, depois da célebre introdução que diretamente se associa a esse prólogo do livro (representando o tal "nascer do sol"), oito pequenos títulos sucessivos, assinalando a divisão da obra em oito secções (para além da introdução). Cada uma dessas secções associa-se a uma das subsecções do livro, não as apresentando nem de forma exhaustiva (o livro tem 80, Strauss só usa 8) nem pela ordem original.

Cova da Moura: "Dizem que eu me esqueço de quem sou por me deitar com um branco"

Sou fiel ao meu compromisso com Albert Camus: - A Justiça! Não esquecer a Justiça!

Violência e racismo na PSP. Julgamento de 17 polícias entra na fase final caso Bairro Cova da Moura, na Amadora, onde as acusações de racismo policial são frequentes.

Cova da Moura e o terramoto no MP. Por que caíram o racismo e a tortura.

"Percebe por que está aqui?", assim começa sempre por perguntar às testemunhas a presidente do coletivo de juizes, Ester de seu nome. Já lá vão mais de 90 testemunhas ouvidas neste processo. Quase dois anos depois de 17 elementos da PSP serem formalmente acusados de racismo, tortura e difamação contra seis jovens da Cova da Moura, é Natalina, companheira de um dos arguidos, quem dá a cara pela sua história, já conhecida em tribunal quando o próprio prestou depoimento. A mulher de origem cabo-verdiana soube responder à questão, sabe bem por que razão tinha sido ali chamada. O motivo, aliás, terá mudado a vida de ambos. Da sua boca, as expressões iam saindo tremidas, medrosas e tristes, ao passo que lembra o efeito que as acusações sobre o companheiro tiveram nas suas vidas: desde as "noites sem ele conseguir dormir, a vê-lo chorar", até aos dias em que Natalina sai à rua e é obrigada a ouvir opiniões sobre Sérgio. Algumas destas pessoas, todas elas desconhecidas, já terão feito questão de lhe deixar mensagens insultuosas nas redes sociais, diz. Aconselham-na a "estar ao lado de uma pessoa com a mesma cor".

Tudo o que a advogada de defesa perguntava a Natalina parecia ser como um aprofundar de uma ferida que, ao final de quase quatro anos desde aquele 5 de fevereiro de 2015, ainda está por sarar. Racista "não, muito pelo contrário", apressa-se a caracterizar Sérgio. Todos os mais próximos do casal, famílias e amigos, "não conseguem vê-lo dessa forma".

Mesmo atrás de si, Sérgio agarrava um lenço de papel que guardou no bolso para limpar vestígios da emoção à qual também não conseguiu escapar enquanto ouvia a companheira.

Covid-19 na Cova da Moura. A vida do vírus num dos bairros mais pobres do país

23 abril 2020 - 07:00

O novo coronavírus, apesar de ser “democrático” ao não escolher raça, sexo, ou idade, na altura da infeção, tem consequências bem díspares a longo prazo no rasto de destruição que deixa na economia e nas pessoas. Nesta altura, tudo indica que serão os mais pobres a sofrer mais. Na Cova da Moura, onde muito do trabalho é informal, composto por operárias das limpezas e trabalhadores das obras, o impacto já se sente, mas o temor maior é, sobretudo, sobre o que aí vem.

Juliana – minha afilhada - teria sempre uma vida difícil com ou sem vírus. A Covid-19 só acelerou e intensificou os problemas. É angolana e está em Portugal há sete anos. Veio porque o filho Amaral nasceu com um olho fechado. O pequeno tem oito anos e está melhor, mas não recuperado. Há três meses soube que ia ficar sem apoios do Governo, mas não quis desistir de dar os melhores cuidados médicos ao mais novo de dois filhos. Ia procurar um trabalho, mas a pandemia pôs-lhe mais um obstáculo à frente.

“Tenho esperança de que vou conseguir trabalhar para me conseguir aguentar e o menino fazer os tratamentos...mas isto está complicado”; disse-me que vive na Cova da Moura juntamente com Amaral e a outra filha Filantina, de 12 anos, também ela com problemas de visão.

Aos 35 anos, esta mulher vive na ânsia de arranjar um emprego que permita continuar os tratamentos do Amaral, depois que o Governo angolano lhe cortou o subsídio de 800 € mensais com que vivia.

Em Janeiro (2020), uma junta médica daquele país veio a Lisboa e disse-lhe que o estado atual do menino já não exigia estar em Portugal. Voltou a África ainda em Janeiro, mas regressou porque os médicos portugueses haviam agendado uma consulta para a criança em Maio. Ela acredita que aqui ele terá melhores cuidados de saúde e Amaral, que sofre de ptose congénita do olho direito – vulgarmente conhecida por pálpebra caída – terá melhor qualidade de vida. Juntou dinheiro, do pouco que a família tinha, e comprou a viagem de regresso no final de Fevereiro (2020) com a vontade de dar a cara e o corpo à luta. Mas onde já via uma ida muito difícil, apareceu um vírus que tudo complica e está a fechar-lhe as portas. Também o marido que está em África, e sempre ajudava com algumas despesas, ficou sem emprego e sem dinheiro.

Sempre que Juliana fala do filho, e dos problemas com o olho, percebe-se que a voz treme e fica aos altos e baixos.

Rita não sabe onde pára o “chico”.

Pode ter regressado a Viana do Castelo, não se sabe para quê porque a traineira e respetiva companha entraram em lay-off.

A última notícia chegou via SMS. Era um ‘link’ para uma cantiga. A cantiga é bonita, mas sabe-lhe a pouco. Afinal de contas apetece-lhe devolver a cantiga ao ponto de origem.

João Só / Não sou eu

Se estás à espera de um Romeo

Que te abra a porta com os olhos no céu

Que se entregue todo o tempo

Não sou eu

Se estás à espera de um herói

Com sete vidas e sem um arranhão

Pés bem assentos no chão

Não sou eu, não sou eu, não sou eu

Não sou eu, não sou eu, não sou eu

.....

.....

Tenho um SMS no telemóvel. Só sei que é uma mensagem da Rita.

Estamos a olhar o Sol pela janela virada a Leste, também pode ser Nascente.

São 08:02h do dia 08jan2021

Estico a ponta do dedo anelar da mão direita para o símbolo das mensagens bem visível no ecrã do pequeno dispositivo que me serve de muleta.

<>

Faço um compasso de espera. Espaçado!

Tento encontrar o Chico, dois ou três camaradas da faina, o grande amigo dele de referência – Jorge – velhos camaradas da União Democrática Popular... NADA!

Chico deve ter caído num buraco.

Apenas tive coragem para ‘aos costumes dizer nada’ cerca das 12:21h, com os dedos embrulhados e a língua entaramelada.

- Alô? Bom dia Menina. Comecei eu com os tais pezinhos de lã.

- Olá. Desculpa estar a incomodar-te. Não sei o que vou fazer à minha vida. Tens algum palpite? Onde será que aquele bandalho se escondeu...

Percebo que a Rita está a tentar dominar o detonador.

- Posso desabafar contigo? Perguntou.

- Claro que sim. Não será melhor tomarmos um café, a meias? Atirei eu a tentar ganhar tempo. Que respostas? Que perguntas?

- Se estiveres por perto... preciso de me aliviar e não aguento mais. Do sonho da minha longa noite acordei mais agoniada do que quando me estendi na cama. Desdobrou a Rita.

E continuou: - Chorei e esperneeie de medo até que a luz entrou pelas janelas.

Fiquei em silêncio.

- Tenho medo. Entendes? Sinto-me aturdida como se estivesse à espera de que o mundo me caia em cima da cabeça.

Deixei a Rita falar. Percebi que estava a participar numa espécie de terapia.

- Sinto-me a viver num deserto de silêncio e de espera. Tenho o restaurante fechado... não me apetece, não quero ir buscar peixe à praia para vender na banca de Angeiras.

Ficou em silêncio...

- Rita! Consegui eu dar o primeiro passo.

- E se tomássemos o tal café, sei lá, algures a seguir ao almoço. Preparas o tal café. Aviso-te por SMS quando estiver a passar na tua rua. Pode ser?

- Obrigada. Do fundo do coração, preciso mesmo de quem me queira ouvir. Até logo. Vem depressa.

Rita desligou o “cacharro”.

Deixei o tempo escoar... não tinha apetite... não sabia muito bem o que me esperava do encontro com a Rita. Gosta-se da Rita. É bonita, apresenta-se bem, parece que tem a face morena...e aqueles olhos meio verde-escuro de quando em quando dão sinal de si.

Cheguei à Foz Velha pouco passava das 13:30h, arrumei o carro com alguma dificuldade.

Pudera, todos estavam em casa, ou seja, faltavam aqueles que se não podiam dar ao luxo de refastelar os costados no sofá a ver os canais cabo.

Desisti de escrever avisos no tal SMS. Quando cheguei à porta, Rita estava junto da soleira.

Devia estar à janela a espreitar se o Toyota chegava ou não chegava. Quem espera desespera, a frase é batida, mas faz parte da vida de cada um.

Não houve beijos à chegada, apenas um toque nos ombros da Rita.

Como se tivesse o despertador do relógio a apitar, começou nervosa: - Entra. Obrigada por teres vindo.

Rita seguiu o corredor que dava para a cozinha. A maquina dos ricos, estava ligada, uma travessa de aço continha uma coleção de Nespressos, por intensidade, por aroma, coisas dessas sofisticadas.

- Escolhe o café que tu gostas. Ordenou a Rita. Vê-se que está habituada a comandar.

- Pode ser um café ‘forte’. Andamos todos à deriva, sem café, sem amigos, sem povo. Saí-me bem à primeira. Pelo menos não fiquei entupido. Vamos a ver, a hora é da Rita. O meu papel não passa de ouvinte. Ou será que vai mais além?

Tiramos, esprememos cada um o café para a sua chávena.

Rita tinha um sorriso daqueles parecidos com um tempo em que a vida se cala e descansa em silêncio, mais a mais a obstinada solidão que nos rodeia. Bem-bom...se fosse apenas a Rita que estivesse no fundo do poço.

- Quando tinha 13 anos, descobri com surpresa que os adultos, que povoavam os livros da Corín Tellado que eu lia, sofriam e adoeciam de amor.

Rita falou como se estivesse sozinha naquela cozinha bonita, bem arrumada, plena de aço inox.

- Já viste? Falta-nos uma única pessoa e tudo fica despovoado. Garantiu a Rita.

Comecei a ficar inquieto. Parecia que a minha amiga estava a descobrir os meus pontos fracos.

- A ausência de um único ser – um único ser! Lamentava-se...

- Tenho o mundo inteiro vazio. Estou perturbada da cabeça. Não sei o que te diga, menos ainda, se o que digo faz algum sentido.

Permaneço do mesmo modo: ouvir a Rita, deixar a Rita falar.

- Sempre considerei importante, durante a minha juventude, que o amor é uma parte da nossa vida, da minha vida. Diz-me respeito a mim, mais tarde ou mais cedo.

Eu, encolhido, joelhos apertados, deplorava sinceramente não poder estar sentado a falar com a Rita, com liberdade bastante para deixar escapar que tantas vezes pensamos ser amor aquilo que pode muito bem ser apenas um puro disparate.

E, cá por dentro, prometi a mim mesmo que nunca, mesmo nunca, iria chorar nem sofrer por alguém que não me amasse. Tudo em silêncio.

Com uma exceção. Na última década, apesar de ter essa promessa gravada no peito, tive ocasião de pôr à prova a solidez das minhas juras e convicções. Apaixonei-me.

Sempre calado, esperei que Rita rebuscasse no fundo de si própria tudo quanto queria deitar cá p'ra fora.

Rita foi buscar um pequeno balde com bolachas de água-e-sal.

Todo esse intervalo, bastou para que eu mergulhasse no meu mundo.

Paixão. Expus-me ao mais completo ridículo, quase até perder o juízo. Verifiquei na carne que quando nos falta a pessoa amada, o mundo à nossa volta, não vale um caracol. A minha perplexidade – amor, desamor, súplicas, ralhos, desejos, espera, frustração, tristeza infinita... tudo porque ELA mudou de opinião, de comportamento. Achou que tudo aquilo não passava de um mau momento da minha autoestima.

Podia ter sentenciado que eu sofria do mal da solidão?

Podia sim, claro que podia, mas não era a mesma coisa. É um plágio das frases do marketing?

Eu sei que sim. Todos nós somos plagiadores, tantas vezes de nós mesmos.

- Sabes como eu me sinto? Sabes? Insegura, dependente, pálida, olheirenta e desgraçada.

- Calma! Consegui finalmente abrir os lábios.

Trouxe de mim uma pergunta muito simples: - Rita. Onde está o amor? Onde o podemos encontrar?

- Não sei. Respondeu corajosamente a minha amiga. E persistiu...

- Desde o meu tempo de rapariga simples aqui da Foz Velha, procurei e esperei o amor, mas apenas fui dar a becos sem saída. Às tantas, acabei por acreditar que provavelmente não o merecia.

Mergulhei outra vez dentro de mim. Era a minha vez.

O amor não se pode desenvolver num banco de areia que não oferece hospitalidade. Pois... tenho dificuldade em me aperceber disso.

Quando esperamos o amor em modo passivo, só se manifesta pela dureza da sua ausência. É isso.

Sem querer, havia esquecido que a Rita continuava o seu monólogo: - Vejamos a minha vida.

Por um lado, faço parte da maioria aqui da rua. Pertença aos que estão esquecidos, aos apressados, aos medrosos, aos preguiçosos, aos descuidados...

Estava difícil o meu papel de confortador.

E Rita deu seguimento quase sem interrupção. Falava para os vidros da janela.

- Estás a ver? Poupei o amor como se fosse um bem escasso. Reservei-o para as noites de glória e para os momentos de despedida. Estou tão habituada a viver na ausência do amor que quase não dou conta disso.

Recapitulei... fui recapitulando a minha própria história. Avancei para o amor, numa cronologia que nunca fui capaz de apreciar.

- Queres que eu fale em nome próprio e apelido de família? Deixas-me desabafar contigo? Dás-me tempo de antena. Falei rápido, sem me atropelar. Precisava de entrar em diálogo.

- Sim. Eu sei que tenho de te dar tempo...fala à tua vontade. Quando começo a falar tenho dificuldade em deixar falar os outros. Frequentemente, esqueço que o outro também tem problemas. Rita falou pausadamente.

- Queres jantar cá? Tenho lulas pequeninas que trouxe ontem da praia.

Ofereceu, na companhia de um sorriso enigmático.

- Pode ser... se me deixares ser eu a cozinhar. Respondi categórico!

Novo dia. 09fev2021 são 10:59h

Chove torrencialmente. Nada de novo. Ao Norte tem de ser sempre mais ou menos a mesma coisa.

Andamos às aranhas à procura do cartão MB. A dependência tecnológica tem destes percalços. Pouco dinheiro na carteira, pouco dinheiro na conta, o despautério de quem gasta mais do que deve nos primeiros dias do mês.

A mulher tem os dias difíceis... o homem tem os dias estrangalhados. Ser homem traz uma espécie de obrigação de acordar mais cedo no dia do salário cair na conta. No meio dos neurónios anda por ali um vento despertador que lembra um conjunto de gastos adiados à espera da ampulheta do tempo. É uma questão de mais ou menos areia na caixa da 'camioneta'.

Fomos em busca das notícias, das novidades, das repetições, déjà vu, do boneco que ilustra bem melhor a razão pela qual a mesma palavra ou frase se repete várias vezes para dar mais força ao discurso.

Este "diário" acompanha o pequeno drama pessoal da Rita & do "chico".

Pois claro. É assunto meu. Que me diz respeito. Quem estiver de ouvido à escuta que vá rachar lenha (que se lixe).

Mas, no compromisso assumido, assinado com nome próprio e apelido de família, estou obrigado a registar factos reais que sejam gravados para memória futura. Isso traz dormência ao texto? Claro que sim. Esperemos, tenhamos esperança que o artista seja capaz de ter tempo e em simultâneo, se venha a defrontar com a impossibilidade de encontrar editor disposto a publicar o seu "diário".

A minha amiga Rita é uma defensora incansável da obra que tem vindo a ser escrita por este seu amigo do peito. Faz parte da estratégia.

O autor, amplamente experimentado em farsas disseminadas por publicações não romanceadas, sem que alguma vez tenha conseguido apresentar obra de ficção, pode recorrer aos inúmeros livros de autoajuda dedicados a escritores falhados: métodos engenhosos; fórmulas fatais para construir uma boa intriga; chás rigorosamente preparados para libertar a mente criativa.

Ontem, após o jantar: "lulas minúsculas" fritas numa frigideira (a minha mãe teria dito sertã) com azeite e alho e 3 vagens minúsculas de gindungo, acompanhadas com broa de milho, Rita teve relato de viva voz, proporcionado pelo autor. Não sabemos se ele se explicou razoavelmente, se a Rita baralhou o descritivo acerca do "diário" com os seus pensamentos íntimos, não queremos saber!

Bebemos uma coisa chegada de fresco: Barato (menos de 2 €) e saboroso – Fernão Pires & Sauvignon Blanc – vinho regional do Tejo Paciência Quatro Estações. Recomendo.

Antes de nos despedirmos – preocupados em não estragar a amizade – Rita fez questão de me transmitir, com olhar vibrante, uma espécie de compromisso e empenhamento pessoal em ajudar ao nascimento do livro, que se diz escrito em modo “diário” e que o autor tem a coragem de considerar maçador... apesar de ter dentro de si aquela malfadada certeza inabalável do “Artista que existe dentro de nós”.

Nascemos inocentes.

Quando fui fazer a minha primeira confissão – de que tive evidência – o velho Frei Roque – sandálias sem meias e hábito castanho de burel e corda branca apertada na cinta, perguntou de dentro da ‘casota’ cheia de grades: - Diz meu menino, que queres?

Respondi de lá de baixo do degrau onde estava ajoelhado: - Venho confessar senhor padre.

- Quantos anos tens meu menino? Perguntou ele.

- Seis anos, senhor padre.

- Ó menino vai para casa. Tu, não tens pecados.

Saí da igreja, triste como a noite. Havia passado horas a rememorar, a compilar, a registar os pecados da minha vida. Grande e triste foi a noite.

Renasci outra vez. Sem dúvidas, sem receios, sem mentiras.

Parti de novo, da porta da minha casa da Rua de Serralves, aquela porta onde mais tarde o Pai me disse ao mostrar a chave da casa, ainda na sua mão:

- Ai de ti! Ai de ti que isto corra mal.

Cumpri a promessa. Nunca correu mal. Ainda que a Mãe tenha passado algumas noites, entre sexta-feira e sábado à espera de que eu chegasse da noite.

Inquieta-me, ter perdido essa curiosidade radical que me consumia. Onde será que deixei esquecida essa paixão original?

Naveguei, por luz e sombras da vida. Perdido numa rede de teias e mentiras.

Fez-me bem à alma, ter ido ao confessionário da casa da Rita.

O confessionário é o lugar onde se celebra a parte individual do sacramento da Reconciliação com a Alma . Tomou o nome do aspeto mais característico do mesmo, a confissão dos pecados, por parte do penitente ao “dono” da Igreja.

Durante séculos, este lugar penitencial era simplesmente um assento aberto, às vezes situado na sacristia ou numa capela discreta da igreja. Segundo parece, foi a partir do concílio de Trento nos fins do século XVI, que se começaram a idealizar os confessionários que hoje se conhecem, à semelhança de habitáculo ou guarita, abertos à frente e com rede dos lados.

A Conferência Episcopal estabelece «que [na igreja, capela ou oratório] haja sempre, em lugar patente, locais de confissão munidos de grades fixas entre o penitente e o confessor, e que os fiéis que assim desejem possam utilizar livremente.» [...]

O local para o ato sacramental deve assegurar, por um lado, a discrição e prudência requeridas no diálogo entre o penitente e o sacerdote, e responder, por outro lado, às exigências de uma ação litúrgica, de que fazem parte o acolhimento humano, a leitura bíblica e o gesto reconciliador da imposição das mãos sobre o penitente. [...]

«São de prever, além disso, espaços ou dispositivos quer permitam o diálogo face a face para quem o prefira». É isso...Por mais áridas que possam parecer as minhas deambulações em torno do espírito (meu), do pensamento errante, das minhas angústias, amo, entretanto, ferozmente a vida que de quando em quando degusto cada vez menos, a cada instante (possível) com um prazer consumado. Baixo, olhos entre o azul e o verde, e cabelos castanhos que já foram louros – a minha alcunha na rua operária era “russo má pêlo” - sempre impecavelmente despenteado, tento exasperadamente oferecer o retrato de um homem simples e sorridente q.b.

Que mais dizer de mim, sem ser a falar mal daquilo que me consome?

Calmo, apaziguador, sou certamente capaz de falar durante horas sobre a minha infância, como também de arquitetura, arte, história, filosofia e até mesmo música. Sem dúvida, em razão de minha origem, um europeu orgulhosamente só...

E quem quiser saber mais novidades... só no Continente. Passe por lá.

Façamos da interrupção um caminho novo.  
Da queda um passo de dança,  
do medo uma escada,  
do sonho uma ponte, da procura um encontro!

Uma pausa é um momento de liberdade que pode ocorrer no meio de uma cena qualquer.  
Como é que eu faço?

- Pergunto ao vento que passa...” E, o que faço agora?”

Fisicamente, fico quieto. Mudo de sítio. Vou caminhar pela estrada da Variante. Posso dizer palavras, palavras brutas um cento.

Quando faço uma paragem no tempo, concentro-me na natureza do meu desejo. Que fazer quando o desejo é grande e forte? Por que razão, uma coisa tão simples como um desejo pode abrir as portas do inferno?

Será que sou crente no mito do Adão e Eva?

Há muitos tipos de fantasias. Mantenho-me fiel ao mundo que fabricava, sentado nos paralelepípedos da minha rua de infância. Um mundo todo inventado que me deixava fugir por aí fora e fabricar o futuro. Sempre quis construir o meu próprio foguetão e partir para Júpiter. Como criança, tantas vezes solitário, no quintal da minha casa, passei dias e dias a ensaiar a tal capacidade necessária para ir à luta, treinar o enfrentamento com a vida “real”. Não nego: - Tenho uma gaveta fechada onde guardo as oportunidades perdidas, os desamores, as amizades deitadas ao caixote do lixo.

Há uma boa dose de tranquilidade nesta confissão.

Estás a ver Frei Roque? tanto que eu tinha para te contar. Tanto que não te contei.

Ontem, sentado na cozinha da Rita, falei mais com ela do que havia acontecido durante anos que passaram, desde que o “chico” me apresentou a companheira de vida.

Rita é peixeira, uma mulher sem filosofia de escola, pratica e partilha a filosofia espontânea de quem foi criada na Foz Velha ou na meia dúzia de ruas da Afurada, mesmo em frente à casa da mãe dela... é só apanhar a barça e atravessar o estuário do Douro.

Falámos da nossa infância, sem atropelar as frases, disciplinadamente, um de cada vez.

Simples... porque não queríamos, não quisemos, que houvesse uma qualquer voz em sobreposição.

Rita contou: quando criança sofreu fortíssimos ataques de ansiedade.

Disse-lhe, sossegadamente, do quanto acredito naquela imagem do cérebro ser parecido com uma praia: fica com as imagens, as marcas, os nossos pensamentos, as experiências, os falhanços.

E quem vier a seguir – ainda que não conheça a praia – leva com toda essa enxurrada.

Quis colocar-lhe questões. Fazer perguntas, conhecer mais muito mais daquela Rita interior que, na realidade, eu não conheço. Como gosto de dizer: - Sobre a Rita sei népia!

Como é a realidade do dia-a-dia da Rita?

Fiquei retraído. Há perguntas que no face a face doem. Que é que eu tenho a ver com a verdade da vida da Rita?

Algumas das perguntas iriam magoar a Rita, não propriamente diretas ao intelecto, mas sim dirigidas à própria vida dela.

Lembrava-me de ter lido algures (fui rever) um belíssimo texto do Carl Sagan «A Terra é um palco muito pequeno no vasto anfiteatro cósmico. Esse ponto pálido e azul no espaço é a nossa casa, somos nós. Encerra tudo o que queremos, tudo o que sabemos, todo o ser humano do qual tenhamos ouvido falar, cada pessoa que existiu. Nele estão a alegria e o sofrimento, milhares de férreas religiões, ideologias e doutrinas económicas, cada herói e cada cobarde, cada criador e cada destruidor de civilizações, cada inventor, cada explorador, cada

político corrupto, cada líder supremo, cada santo e cada pecador... A história da nossa espécie cabe num raio de pó e de luz. Pensa nos rios de sangue derramados por todos esses generais e imperadores para que, com glória e triunfo, pudessem ser os senhores momentâneos de uma fração deste ponto... Este ponto pálido e azul desafia as nossas pretensões, a nossa suposta importância, a sensação absurda de que somos os privilegiados deste universo... A mim faz-me lembrar principalmente a responsabilidade que temos de nos tornarmos melhores e de preservarmos e amarmos o único lar que jamais tivemos.»

Vim todo o caminho de regresso a casa a tentar ir buscar resquícios de coisas fantásticas que o Carl Sagan nos deixou.

Recebi (li); chegou agora uma sequência de mensagens da Rita.

Sucessão de coisas que se continuam ou que vêm umas após outras

A minha noite está colada ao nascimento do meu dia... o dia que se segue depois da noite... diz Monsieur de La Palisse.

Eu e o meu amigo famoso (Júlio) colecionamos frases chamadas "lapalissadas".

São coisas há moda do Porto... tal qual as célebres tripas. Minha Mãe, a par com este prato, fechava o seu livro de memórias com umas "lulas recheadas" que nunca tive coragem e imitar.

"Um quarto de hora antes de morrer, estava vivo" - Canção satírica francesa.

"Aquilo que escrevi, escrevi" - Pôncio Pilatos

"Estar vivo é o contrário de estar morto" - Frase popularmente atribuída à socialite portuguesa Lili Caneças

"A maior parte das nossas importações provém de países estrangeiros" - George W. Bush

"Comemora-se em todo o país uma promulgação do despacho número cem [...], a que foi dado esse número não por acaso, mas porque ele vem na sequência de outros noventa e nove anteriores promulgados..." - Américo Tomás

"A mulher que o trem matou, morreu. Morreu pela primeira vez" - O samba "A mulher que o trem matou", gravado pela Dupla Ouro e Prata

"Sei que te estou a incomodar"

- Chico mandou, despejou, um chorrilho de mensagens que gostava que tu visses.

Primeiro SMS que a Rita mandou, hoje, 10fev2021, são 02:58h.

Haja Deus. Também não tenho sono à solta.

Fui ler. A Rita merece.

ter., 9 de fev. 21:20 (há 18 horas)

para Rita

<

São as autoestimas embrulhadas na ampulheta do tempo>>

9 de fev. de 2021 21:50 (há 17 horas)

para Rita

<

A cara nem sempre diz com a careta.

Vou ter que engolir o sapo. Em nome da autoestima>>

9 de fev. de 2021 22:03 (há 17 horas)

para Rita

<



De quando em quando mandas-me à merda e depois... e depois... continuas criativa.  
Vou ter que engolir o sapo. Em nome da autoestima>>

ter., 9 de fev. 23:31 (há 16 horas)  
para Rita

<  
- Pensei que estivesses zangado!  
Zangado porquê?  
Tinha chamadas tuas...  
Sabes que não tenho telemóvel... não te consigo dar resposta... sabes disso.  
Só descobri que podia ligar do fixo para o teu 93 quando em desespero de causa tentei essa chance.  
Como é que podias pensar que eu estava zangado se nem o telemóvel tinhas contigo?  
Como é que podias pensar que eu estava zangado se nem o telemóvel tinhas contigo?  
Ganda Nóia! >>

ter., 9 de fev. 23:51 (há 15 horas)  
para Rita

<  
Porquê?  
E tu? Não tinhas linha nem telefone para me perguntar porquê...  
Só encontraste o telefone às páginas tantas...  
Dou-te os meus parabéns. >>

00:00 (há 15 horas)  
para Rita

<  
Rita Maria... explica-me  
Onde foi que eu falhei?  
Tenho o direito de saber.>>

00:13 (há 15 horas)  
para Rita

<>

00:29 (há 15 horas)  
para Rita

<  
Nunca mais foste a mesma pessoa que conheci.  
Não mereço o modo como me trata  
Só sei que não mereço>>

00:59 (há 14 horas)  
para Rita

<>

01:23 (há 14 horas)

para Rita

<

Deixas um SMS a dizer <>

Ninguém precisa que tu tenhas de dar explicações ou pôr a tua criatividade em modo de ação.

Basta deixar a mensagem.

O pateta escusa de estar com os olhos em bico a dar conta dos minutos.>>

02:04 (há 13 horas)

para Rita

<<>

Tão simples! >>

02:59 (há 12 horas)

para Rita

<>

Consegui, saltar fora do “circo de feras” que “chico” & Rita gostam de frequentar.

- Rita... e tu que disseste?

- Ó pá... eu não quero perder aquele gajo. Ele é p'rai um terço da minha vida.

Respondi no bem sentido. Nem pensar em afrontar alguém que às vezes... às vezes faz parte da minha vida.

Rita foi buscar uma cópia da resposta.

A resposta da Rita em modo SMS para o “chico”:

“Estava ao lado do telemóvel... ouvi tocar e fui para o quarto. Pensei em ligar para ti. Em minutos.

Provavelmente não queres saber, mas além de cansaço físico e mental, não aconteceu nada em relação a ti.”

À hora do almoço, Rita trouxe notícias frescas: - Tem paciência tens de me aturar! Vou mandar uma cópia da mensagem que o Chico mandou esta manhã. Podes ver? Até já.

10/02/2021 13:56

<

Este fim-de-semana quero-te aqui em Viana do Castelo.

Tenho uma Flor e muito amor para te dar.

São proibidas tentativas de me dar nega, por mais criativa que tu sejas.

Chico Francisco

Nota Técnica: Se te passar pela cabeça dizer que NÃO, por favor não respondas.>>

E que respondeste tu Rita?

- Ó pá... disse que ia pensar.

- Éh! Que grande zero. Consegui eu murmurar.

Fiquei quieto. A olhar para a janela virada a leste. Mergulhado em reflexões de coisas que não são minhas.

Saltou-me à memória uma espécie de sentença com que os meus amigos mais velhos, de quando em quando, acabavam algumas discussões mais acaloradas. “Pimenta no cu dos outros, no meu é fresco.”

É que nem sequer me divirto a olhar para os esquemas que – genericamente – afetam o âmbito das relações íntimas, da vida familiar e das amizades. São descritores da nossa forma de nos relacionarmos com os outros e na maneira de amar. Há uma espécie de amontoar dos medos relativos ao abandono, à privação de afetos, ao domínio do outro sobre nós mesmos, à desconfiança e à falta de amor.

Chico sofre do sentimento se achar encaixado em arranjos e jogadas. Reage mal perante as perdas que enxameiam a sua vida: tem medo de que as pessoas que o rodeiam, afinal de contas o abandonem no meio do palavreado que surge na espuma dos dias e das noites. Inevitavelmente, Chico está possuído de uma tristeza profunda e sensação (real) de isolamento.

Que estratégias estarão ao seu alcance, que diabo de ideias serei eu capaz de induzir naquela cabeça?

- Ó Chico... agarra-te com força áquilo que te traz tanto medo de perderes. Enunciei eu, a falar para as paredes a quem tantas vezes me confesso.

Não é fácil... nada é fácil. Como é que “posso sentir-me bem apesar da solidão?”.

Ouvi distintamente o Chico com as mãos em concha, numa tentativa falhada de que eu ouvisse o seu grito.

Rita chegou a Viana. Bateu à porta da Casa do Largo.

É sexta-feira, dia 13 de Fevereiro. Fim de tarde.

Traz um embrulho na mão. Beijam-se... devagar. Como se tivessem estado embrulhados um no outro ontem, anteontem...

- Quero que saibas que não esqueci o dia do teu aniversário. Disse Rita em modo solene.

- Sei que sim. Nunca te esqueceste... não era agora. Respondeu o Chico.

- Amanhã abrimos as prendas. Tenho ali uma flor para ti.

Beijaram-se como selvagens. As piranhas devem beijar assim.

É dia de amor em tempo de guerra.

Acordaram ainda o Sol tinha aparecido envergonhado. Sempre gostaram de se misturar, confusos, quando a manhã bate à porta do quarto.

Trocaram prendas – é dia dos namorados – sentados na cozinha quatro por cinco metros, Chico pegou no livro que a Rita lhe oferecera “O Túnel dos Pombos” John le Carré.

A dedicatória está escrita em letra redonda:

<>

Parabéns

Rita Maria